

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: 71387

Data: 08/05/94

Pg.: 07

MÁRCIO MOREIRA ALVES

Milagres do Cerrado

O cacique Tsuptó Wairi Xavante deve ter pesado os prós e os contras com os seus conselheiros, antes de decidir sair da reserva Pimentel Barbosa, nos confins de Mato Grosso, para buscar ajuda em Brasília. Fez a viagem junto com Paulo Ipassé, que é presidente da Associação Xavante da reserva porque fala bem português e conhece os caminhos brasileiros. Foram dar no Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado, perto de Planaltina, onde esperavam obter provas das invasões de sua reserva por fazendeiros. Obtiveram, no Laboratório de Biofísica Ambiental, que faz mapas, interpretando as imagens de satélites que recebe do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos. Os pesquisadores do laboratório contam que jamais viram alguém aprender mais depressa a interpretação das fotos que os xavantes. Como conheciam perfeitamente o terreno, aprenderam a reconhecê-lo do ar: "Olha aqui a nossa taba. E, aqui, é onde matamos aquela onça grande. Aqui é a curva do rio onde fulano se afogou", e por aí a fora. Foram treinados, fizeram os seus próprios mapas e seguiram para a Funai com fotos de satélites debaixo do braço para pedir providências contra os invasores.

O CPAC, um dos 39 centros de pesquisas da Embrapa, é um oásis de esperança para quem tem de passar a semana inteira testemunhando a impunidade dos anões do Orçamento. Não muito longe da praça dos Três Poderes há organizações que funcionam e brasileiros que trabalham pelo futuro. No sábado, vários laboratórios estavam abertos, com pesquisadores interessados nas suas investigações ao ponto de dedicar-lhes trabalho voluntário. Os do Laboratório de Biofísica Ambiental terminavam um mapa de Goiás. A integração das informações meteorológicas, acumuladas ao longo dos anos, com as da composição dos solos, que os satélites detectam. Com isso, determina-se não só o que plantar, como e quando. A

partir dos mapas, é possível, por exemplo, informar ao Banco do Brasil a data limite para a concessão de créditos de custeio. A partir desta data, emprestar para plantio é jogar dinheiro fora ou fazer trapaça de anão. Só a utilização dessas informações pode economizar dezenas de milhões de dólares do seguro agrícola, que está falido.

O CPAC tem 36 doutores, formados no mundo desenvolvido, mestres e pesquisadores em formação. Desenvolve uma variedade grande de pesquisas, que vão da descoberta de um vírus que ataca a lagarta da soja ou de uma mini-mosca que ataca os ovos de um percevejo, até a utilização na culinária de produtos retirados de plantas nativas.

No entanto, a sua grande realização econômica foi a viabilização da soja no cerrado. A soja, nativa da Mongólia, planta de clima temperado, portanto, foi aclimatada aos Estados Unidos e, de lá, ao sul do País. Não se conheciam variedades capazes de produzir colheitas econômicas em climas tropicais e equatoriais. A maior parte das que hoje permitem ao Planalto Central responder por 40% da produção brasileira foi desenvolvida no CPAC. A primeira a dar certo, a pioneira que é hoje a variedade mais difundida foi desenvolvida em colaboração com pesquisadores japoneses, em um trabalho financiado pela Jica, a agência japonesa de desenvolvimento. Deram-lhe o nome de Diko, em homenagem a um ministro nipônico da época.

Nos campos de plantio, além das experiências com cereais, há trabalhos com frutas destinados a rentabilizar pequenas propriedades. As mangueiras anãs têm o dobro da produção das grandes, na metade do espaço. Há graviolas de mais de um quilo, frutas de conde e os cocos mais variados. Um luxo.

Contra fel, doença e crime, tome Dorival Caymi, recomenda Chico Buarque. Contra a desesperança no Brasil, tome um dia de passeio neste centro de pesquisas, recomendando eu.